

2ª

A MEMÓRIA DO
P. MORAIS



I — O HOMEM POR FORA

No dia 24 de Outubro de 1975, quando nos preparávamos para festejar os seus 91 anos, extinguiu-se na Casa Provincial o P.^o Pedro Vicente da Silva Morais, último sobrevivente da primeira fase da existência da nossa Província.

Um pequeno resfriamento, enquanto descansava no terraço, a apanhar o enganador sol de Outubro, seguido dum início de trombose, foi o sopro fatal na já consumida vela da sua existência.

Nasceu em Lisboa, freguesia de S. Cristóvão, a 26 de Novembro de 1884, filho de Luís Coelho de Moraes e de Tomásia Maria da Silva, num lar de profunda vivência cristã.

A 11 de Novembro de 1897, ingressou no Colégio que os Salesianos acabavam de abrir na capital, na Rua do Sacramento à Lapa, frequentando aí a 4.^a classe e a oficina de sapataria; iniciou-se também no canto coral e na banda de música, actividades a que se dedicou durante toda a vida.

Sentindo-se atraído para a vida consagrada a favor dos jovens na Congregação Salesiana, passou para o Colégio do S. C. de Jesus, na Quinta do Pinheiro, às Laranjeiras, onde fez os estudos preparatórios, o noviciado, a filosofia e a primeira profissão religiosa (25 de Janeiro 1903), início duma entrega para ele consciente e definitiva.

Em 1904 passou oito meses no Colégio dos Órfãos de S. Caetano e daí transitou para o Colégio de Viana do Castelo onde se revelou professor competente e assistente perspicaz, encarregando-se ainda da banda e das actividades desportivas e teatrais. Quando o Beato P.^o Miguel Rua veio a Portugal pela segunda vez, para inaugurar o actual edifício das Oficinas de S. José de Lisboa, aos Prazeres, veio com a banda de Viana abrilhantar as festas e teve a dita de renovar os votos trienais nas mãos deste Superior Maior (19 de Março de 1906).

De 1906 a 1910 a obediência colocou-o na Escola de Angra de Heroísmo, com as actividades habituais de assistente, enquanto ao mesmo tempo ia fazendo os seus estudos teológicos. Regressado a Lisboa, precisamente no dia em que se proclamava a nova República, não sendo possível a nenhuma comunidade religiosa actuar em Portugal, tomou, como tantos outros, o caminho do exílio: as casas salesianas de Vigo e Orense acolheram-no fraternalmente durante um ano.

Em 1911 foi mandado para Turim (Itália) para completar os estudos teológicos, e aí o incumbiram da secção portuguesa do Boletim Salesiano.

Em 1913 as casas salesianas em Portugal puderam reiniciar timidamente as suas actividades, e foi chamado a Lisboa. Mas foi sol de pouca dura: seis meses depois a polícia ordenava o encerramento das actividades e, por segunda vez, retomou o caminho do exílio. Desta vez foram as casas salesianas de Andaluzia, Sevilha, Málaga e Utrera que gozaram do seu intenso trabalho.

Em 1920 era de novo chamado a Portugal, para trabalhar nas Oficinas de S. José, onde finalmente veio a receber a ordenação sacerdotal, a 14 de Outubro de 1923, das mãos do bispo designado de Vila Real, D. João Evangelista de Lima Vidal.

Depois é o Oratório de S. José de Évora que vai absorvê-lo durante 32 anos, a partir de 1928, numa actividade desbordante de professor, confessor, mestre de canto e orquestra, professor de ginástica, ensaiador de teatro, director (1954-1957).

Durante todo este período teve ocasião de desenvolver uma curiosa qualidade que o tornou célebre: a radioestesia, através da qual descobria metais e correntes de água do subsolo e que gostosamente punha ao serviço de toda a gente.

Em 1960 volta às Oficinas de S. José de Lisboa, para ajudar nas confissões.

Em 1973, já gasto de saúde, acolheu-se à Casa Provincial, anexa às Oficinas, onde a todos edificava com o seu espírito de trabalho e piedade, e daqui partiu para o céu.

II — O HOMEM POR DENTRO

O nosso irmão era um homem de temperamento forte e impulsivo, perante o qual ninguém podia ficar indiferente. A franqueza e sinceridade com que se exprimia, tanto podiam atrair-lhe como afastar-lhe as simpatias.

Visto todos conhecerem bem o seu feitio, passou por incompreensões e horas de sofrimento, mas tudo aceitava com admirável espírito de fé e humildade. Quem talvez melhor o conheceu foi o seu director durante muitos anos, o Padre Agostinho Colussi que, em 1922, ao dar o seu parecer favorável a que ele fosse ordenado sacerdote, fazia uma síntese perfeita do homem que foi em toda a vida: «Conheço-o digno de ser admitido (ao sacerdócio) pela sua **piedade, saber, bom espírito, bem como apego à Congregação**».

Piedade

Vida de fé e oração, é talvez uma das notas mais salientes da sua longa existência.

A todos nos impressionava o espírito de recolhimento com que celebrava a Eucaristia. Velhinho e alquebrado, nunca ninguém o convenceu a deixar algum dia a celebração ou a celebrá-la sentado, embora com evidente sacrifício.

As suas visitas aos SS.^{mo}, ao longo da vida e sobretudo nos últimos tempos, a reza do breviário diante do sacrário, a sua presença aos actos de piedade da comunidade, são mais uma confirmação da sua piedade.

Nutria, além disso, grande devoção a Nossa Senhora, sua madrinha de baptismo, e procurava inculcá-la com as palavras e as obras a todos os que se lhe acercavam.

Cultura

Era de inteligência lúcida e perspicaz, sempre disposto a aprender, tanto no campo da ciência religiosa como nas ciências da natureza. Era admirável a amplitude do seu saber: tanto ia da filosofia à teologia como das ciências físico-químicas e matemáticas às geológicas.

Não lhe escapava a arquitectura e a acústica, mas onde era verdadeiramente perito era na radioestesia. Com todos estes dotes intelectuais, nunca se deixou levar pela soberba e ostentação. Prova disso foi a modéstia e pobreza em que sempre viveu: ele que angariava com o seu trabalho consideráveis quantias, tudo entregava pontualmente ao superior, não gastando nada sem licença ou necessidade.

Amor à Congregação e às Almas

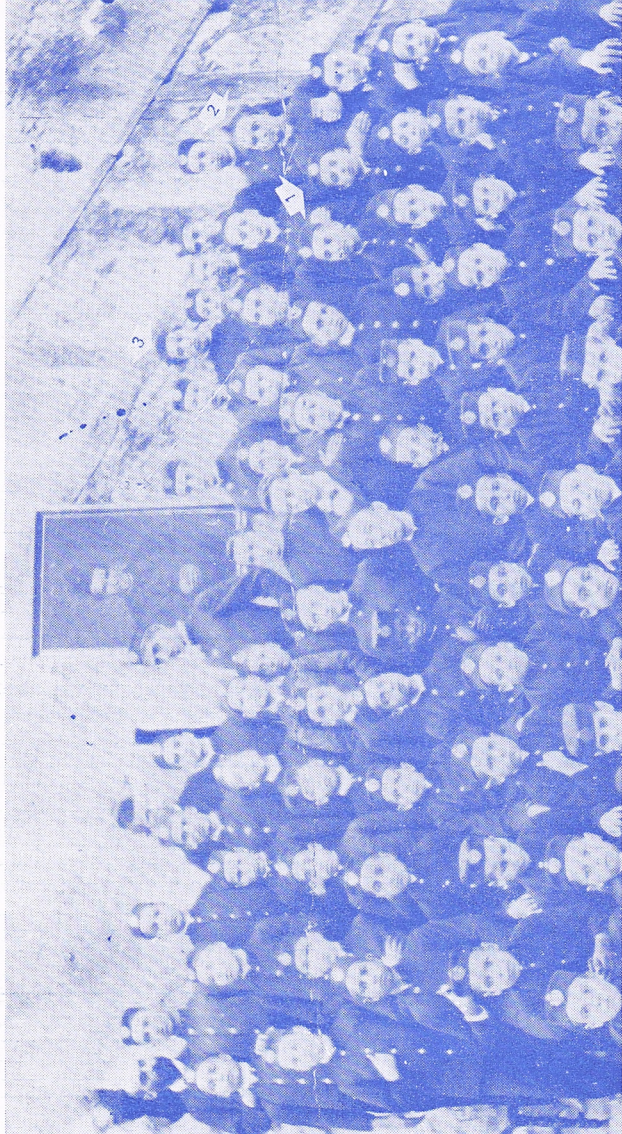
Toda a sua vida foi um testemunho deste amor. Nos pequenos brindes em que sempre participava, ouvimos-lhe repetir mais vezes como S. João Evangelista: «Agradeço a Deus a graça da vida religiosa salesiana. Nunca me arrependi de a ter abraçado. E se tivesse de voltar atrás, não queria escolher outra».

Amava sem dúvida os jovens, mas o seu coração tinha um fraco pelos Antigos Alunos: não é por nada que a ele se deve a Associação deles em Portugal (1936). E eles, mais que ninguém, souberam reconhecê-lo nas inúmeras homenagens que lhe prestaram. Foi a eles que deixou a mensagem orientadora da sua vida: «Continuai a propagar Cristo à vossa volta, com o vosso exemplo, em todos os actos da vossa vida familiar, social, profissional e política» (Aos AA em Luanda, 12-8-1972).

Ao mesmo tempo que lamentamos profundamente o desaparecimento duma preciosa figura tão característica da nossa Província Salesiana, elevemos nossas humildes preces ao Pai a fim de que lhe conceda a recompensa das muitas boas obras que realizou ao longo da sua existência.

Lisboa, Casa D. Bosco, 24 de Novembro de 1975.

GRUPO DOS PRIMEIROS ALUNOS DAS OFICINAS DE S. JOSÉ — 1898



1 — P. MORAIS

2 — P. JOÃO BARILARI

3 — P. PAULO COLUSSI